

— O mamã que Deus me deu,
Dá-me uma pinguiinha d'água,
Já que a alma deixa o corpo
E o coração deixa a alma.
— Daya, daya, minha filha,
Daya, sem me custar nada,
O papá, se o soubesse,
A cabeça me cortava.

Olhou p'ra outra janela
Que a mesma torre tinha,
E lá viu o seu papá
Numa cadeira assentadinha.

— O papá que Deus me deu,
Dá-me uma pinga d'água,
Já que a alma deixa o corpo,
E o coração deixa a alma.
— Correi todos, cavalheiros,
Levar água a Aldiminha;
O primeiro que chegar
Casara co'a filha minha.

O primeiro que lá chegou
Foi o rei de Inglaterra;
Aldiminda quando o viu,
Deitou os olhos em terra.
O segundo que chegou,
Foi o rei de Alemanha;
Aldiminha quando o viu,
Ficou morta por instante.

Aldiminha não quer água
Que a tem a cabeceira,
Que Br'a trouxeram os anjos
No calix da vidraceira.

Peua
Alcun.

P2

Aldiminha

(Cf. Rev. Lus., IX, 365, 366)

Aldiminha, Aldiminha,
Queres ser minha namorada?
Eu de ouro te vestia
E de prata te calçava.
O papá quando ouviu isto
Numa torre a pós fechada,
P'ra lá estar sete dias
Sem comer nem beber nada.
Ao cabo dos sete dias
Lá a sede lhe apertava;
Aldiminha ficou triste
Sem comer nem beber nada.
Olhou para uma janela
Que a mesma torre tinha,
E lá viu sua mamã
Numa cadeira assentadinha.

O mamã que Deus me deu,
Dá-me uma pinguiinha d'água,
Já que a alma deixa o corpo,
E o coração deixa a alma.
— Daya, daya, minha filha,
Daya sem me custar nada;
O papá, se o soubesse,
A cabeça me cortava.

Olhou p'ra outra janela
Que a mesma torre tinha,
E lá viu sua irmã
Numa cadeira assentadinha.

A. Gomes Pereira

RL

XIII

1910